



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS REPRESENTANTES DAS IGREJAS CRISTÃS
PRESENTES NO IRAQUE POR OCASIÃO DO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO
DA VIAGEM APOSTÓLICA**

Segunda-feira, 28 de fevereiro de 2022

[Multimídia]

Estimados irmãos em Cristo!

É com emoção e alegria que me encontro convosco aqui em Roma, representantes das várias Igrejas cristãs no Iraque, um ano depois da [minha inesquecível visita ao vosso país](#). Através de vós, desejo abranger com a minha cordial saudação todos os pastores e fiéis das vossas comunidades, fazendo minhas as palavras do Apóstolo Paulo: «Graça e paz vos sejam dadas da parte de Deus» (*Rm 1, 7*).

As vossas são *terras das origens*: origens das antigas civilizações do Médio Oriente, origens da história da salvação, origens da história da vocação de Abraão. São também terras das origens cristãs: das primeiras missões, graças à pregação do Apóstolo Tomé, de Addai e Mari, e dos seus discípulos, não só na Mesopotâmia, mas até ao Extremo Oriente. Mas são também *terras de exilados*: pensemos no exílio dos judeus em Nínive e naquele da Babilónia, de que nos falam os profetas Jeremias, Ezequiel e Daniel, que sustentaram a esperança do povo erradicado da sua terra. Mas também muitos cristãos da vossa região foram obrigados ao exílio: as perseguições e as guerras que se seguiram até aos nossos dias forçaram muitos deles a emigrar, trazendo ao Ocidente a luz do Oriente cristão.

Queridos Irmãos, se evoco estes episódios da história bíblica e cristã do vosso país, é porque não

são alheios à situação atual. As vossas comunidades pertencem à história mais antiga do Iraque e conheceram momentos verdadeiramente trágicos, mas ofereceram corajosos testemunhos de fidelidade ao Evangelho. Por isto dou graças a Deus e expresso-vos a minha gratidão. Inclino-me perante o sofrimento e o martírio daqueles que preservaram a fé, até à custa da própria vida. Tal como o sangue de Cristo, derramado por amor, trouxe reconciliação e fez florescer a Igreja, que o sangue destes numerosos mártires do nosso tempo, pertencentes a diferentes tradições, mas unidos no mesmo sacrifício, seja semente de unidade entre os cristãos e sinal de uma nova primavera da fé.

As vossas Igrejas, mediante as relações fraternas existentes entre elas, estabeleceram múltiplos laços de colaboração no campo da pastoral, da formação e do serviço aos mais pobres. Hoje existe uma comunhão enraizada entre os cristãos do país. Gostaria de vos encorajar a prosseguir por este caminho para que, através de iniciativas concretas, do diálogo constante e, o que é mais importante, do amor fraterno, se possa progredir no sentido da plena unidade. No meio de um povo que sofreu tantas divisões e discórdias, os cristãos resplandeçam como sinal profético de unidade na diversidade.

Caríssimos, desejo afirmar-vos mais uma vez que não é possível imaginar o Iraque sem cristãos. Esta convicção não se baseia apenas num fundamento religioso, mas também em evidências sociais e culturais. O Iraque sem cristãos já não seria o Iraque, porque os cristãos, com outros fiéis, contribuem fortemente para a identidade específica do país: um lugar onde a coexistência, a tolerância e a aceitação mútua floresceram desde os primeiros séculos; um lugar que tem a vocação de manifestar, no Médio Oriente e no mundo, a *convivência pacífica das diferenças*. Portanto, nada deve ser deixado ao acaso, a fim de que os cristãos continuem a sentir que o Iraque é a sua casa, e que são *cidadãos com plenos direitos*, chamados a dar a sua contribuição para a terra onde sempre viveram (cf. *Declaração conjunta do Papa Francisco e do Catholicos-Patriarca Mar Gewargis III*, 9 de novembro de 2018, n. 6). Por isso, amados irmãos, Pastores do Povo de Deus, assisti e confortai sempre o rebanho com dedicação e diligência. Permanecei próximos dos fiéis confiados aos vossos cuidados, testemunhando sobretudo com o exemplo e a conduta de vida evangélica a proximidade e a ternura de Jesus Bom Pastor.

Vós, cristãos do Iraque, que desde os tempos apostólicos viveis lado a lado com outras religiões, especialmente hoje tendes outra vocação imprescindível: comprometer-vos para que as religiões se ponham ao serviço da fraternidade. Com efeito, «as várias religiões, a partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade» (Carta Encíclica *Fratelli tutti*, 271). Estais bem cientes de que o diálogo inter-religioso não é uma questão de mera gentileza. Não, vai além! Não se trata de negociação ou de diplomacia. Não, vai além! É um caminho de fraternidade que leva à paz, um caminho muitas vezes cansativo mas que, especialmente nestes tempos, Deus pede e abençoa. É um percurso que exige paciência e compreensão. Mas faz-nos crescer como cristãos, porque requer

abertura de coração e compromisso a ser, concretamente, pacificadores.

Dialogar é também o melhor antídoto contra o extremismo, que constitui um perigo para os seguidores de todas as religiões e uma grave ameaça à paz. Mas é preciso trabalhar para erradicar as causas remotas dos fundamentalismos, dos extremismos que criam raízes mais facilmente em contextos de pobreza material, cultural e educacional, e são alimentados por situações de injustiça e precariedade, como aquelas deixadas pelas guerras. E quantas guerras, quantos conflitos, quantas interferências nefastas atingiram o vosso país! Ele precisa de um desenvolvimento autónomo e coeso, sem ser prejudicado por interesses externos, como infelizmente aconteceu com demasiada frequência. O vosso país tem a própria dignidade, a própria liberdade, e não pode ser reduzido a um campo de guerra.

Prezados irmãos em Cristo, sabeis que estais no meu coração e nas orações de muitas pessoas. Não desanimeis: enquanto muitos, a vários níveis, ameaçam a paz, não desviemos o olhar de Jesus, Príncipe da paz, e não nos cansemos de invocar o seu Espírito, artífice de unidade. No sulco de São Cipriano, Santo Efraim comparou a unidade da Igreja com a «túnica inconsútil e indivisa» de Cristo (cf. *Hinos à crucificação*, VI, 6). Embora tenha sido brutalmente despojado das vestes, a sua túnica permaneceu unida. Também na história, o Espírito de Jesus preserva a unidade dos fiéis, não obstante as nossas divisões. Peçamos à Santíssima Trindade, modelo de verdadeira unidade que não é uniformidade, que reforce a comunhão entre nós e entre as nossas Igrejas. Assim poderemos corresponder ao profundo desejo do Senhor, de que os seus discípulos sejam «um só» (Jo 17, 21)!

Agradeço-vos de coração por terdes vindo e agora proponho-vos que recitemos juntos a oração do Senhor, cada qual na própria língua!